

Atividade como reflexo de si mesmo e possibilidade de geração de autoconhecimento

Criar é uma necessidade humana e é uma forma de intensificar a vida. Criar relaciona-se à capacidade de ordenar, relacionar, configurar e significar; relaciona-se à capacidade do Ser Humano de compreender, estabelecer relações entre os eventos que ocorrem ao seu redor e dentro de si, construindo significações particulares à partir de sua experiência do viver (Ostrower, 2005).

Segundo Ostrower (2005) “*ao relacionarmos os fenômenos nós os ligamos entre si e os vinculamos a nós mesmos. Sem nos darmos conta, nós os orientamos de acordo com expectativas, desejos, medos e sobretudo de acordo com uma atitude do nosso ser mais íntimo, uma ordenação interior*” (pág 9). Essa ordenação interior é projetada, segundo esta autora, em cada ato, no exercê-lo, no compreendê-lo, e no compreender-nos dentro dele. É a maneira de cada um perceber e interpretar os fatos em busca de significados. O Ser Humano, no esforço de compreender o mundo e orientar-se nele, ordena os fenômenos, relaciona-os, configurava novas coerências e significações à partir de suas referências internas; ele cria não apenas porque quer ou gosta, mas porque precisa para desenvolver-se como Humano. (ostrower, 2005) Assim, quando o ser humano se envolve em atividades significativas, o resultado do fazer é a materialização das referências internas no mundo externo.

Segundo Sabbatini (2001) em ‘A Evolução da Inteligência Humana’, o gênero *Homo* tem como características distintivas a capacidade de inventar, fazer novas ferramentas, e de comunicar. De acordo com ele, as primeiras ferramentas foram criadas e elaboradas pelos primeiros seres do gênero *Homo*. Essa descoberta foi o principal fator de amplificação da evolução humana ao longo de ‘pouco’ tempo na escala evolutiva - algumas centenas de milhares de anos, pois permitiu o acesso a fontes ricas de calorias, como o cérebro e a medula óssea, antes indisponíveis. De acordo com aquele autor, a fabricação de ferramentas não é uma habilidade natural do ser humano, que está presente desde o nascimento, ou que pode se propagar através de genes; sua transmissão se dá pela tradição cultural, o ensino e o aprendizado por imitação, o que pressupõe o desenvolvimento de alguma forma eficaz de comunicação. Com o desenvolvimento e aperfeiçoamento de ferramentas e de métodos de caça e manipulação de alimentos, gerou-se excedentes econômicos, o que, acredita-se, possibilitou a arte, pois o homem passou a ter tempo livre para a decoração e o entretenimento. Para este autor, a arte é, também, uma tentativa do Ser Humano descrever e explicar o mundo ao seu redor, e as relações que estabelece com ele. (SABBATINI, 2001)

Esse processo de constituição do sujeito através do fazer, da experiência no mundo, foi demonstrado pelo filósofo Henrique de Lima Vaz em ‘Antropologia Filosófica’ (1991) ao descrever as mediações que possibilitam “*a passagem incessante do dado ao significado que constitui o sujeito*” (pág.148). Essas mediações são níveis de conhecimento que mediam as relações do homem com o mundo; elas ocorrem concomitantemente, mas são separadas didaticamente. São as mediações empírica, abstrata e transcendental:

- **Mediação Empírica:** refere-se ao conhecimento adquirido à partir do fazer cotidiano, do mundo da vida, do contato com materiais e ferramentas, da interrelação com os outros, e da expressão dessa experiência em suas diversas modalidades. É a “compreensão espontânea e natural que o homem tem de si mesmo segundo a qual ele forma uma imagem de si mesmo, modelada pela tradição cultural em que se insere e pelo estilo de vida que adota. (VAZ, 1991, pág. 142)

- **Mediação Abstrata ou Explicativa:** formas de compreensão do mundo que obedecem a regras metodológicas próprias de cada ciência, sua expressão se traduz na elaboração de conceitos e no discurso científico que integra o universo simbólico dos diversos grupos humanos.

- **Mediação Filosófica ou Transcendental:** conhecimento resultante da “experiência que o sujeito faz do seu manifestar-se como sujeito” (VAZ, 1991, pág. 149), expressa na consciência do mundo, dos outros e de si mesmo, à partir de uma presença reflexiva. É a condição de possibilidade - novos vislumbres, novas perspectivas.

Rui Chamone Jorge (1995) também demonstrou esse processo de evolução à partir do fazer humano, da atividade significativa, no entanto, o fez aplicado ao processo de reabilitação, à fim de resgatar no indivíduo ‘marginalizado’ por suas limitações ou incapacidades, sua capacidade de lutar em prol de si mesmo, quando este o desejar. Rui Chamone entendia que ao fazer, com liberdade, criatividade e intencionalidade, o homem altera o mundo físico, a própria condição humana e os contextos culturais. Fazer implica pensar e comunicar. *“A oportunidade que se oferece ao paciente dirige-se aos sentimentos, sensações, à intuição e imaginação. E o que fruímos dos seus objetos é a liberdade das formas, a conciliação das abstrações com a realidade, pois as atividades livres e criativas complementam o conceito com o real externo, sendo formativas, e não somente, mas, também, expressivas.”* (JORGE, 1990, pag. 13)

Os processos de criação se tornam conscientes na medida em que são expressos, isto é, na medida em que lhes damos uma forma. Entretanto, *“mesmo que sua elaboração permaneça em níveis subconscientes, os processos criativos teriam que referir-se à consciência dos homens, pois só assim, poderiam ser indagados a respeito dos possíveis significados que existem no ato criador. Entendo que essa consciência nunca é algo acabado ou definitivo. Ela vai se formando no exercício de si mesma, num desenvolvimento dinâmico em que o homem, procurando sobreviver e agindo, ao transformar a natureza se transforma também. E o homem não somente percebe as transformações como, sobretudo, nelas SE percebe.”* (pág 10)

O fazer e o configurar do Ser Humano são atuações de caráter simbólico. Toda forma é forma de comunicação, ao mesmo tempo que forma de realização; que corresponde a aspectos expressivos de um desenvolvimento interior na pessoa, refletindo processos de crescimento e de maturação.

Referências Bibliográficas

JORGE, Rui Chamone. **O Objeto e a Especificidade da Terapia Ocupacional**. Belo Horizonte: GESTO; 1990.

JORGE, Rui Chamone. **Psicoterapia Ocupacional: história de um desenvolvimento**. Belo Horizonte: GESTO; 1995.

OSTROWER, Fayga. **Criatividade e Processos de Criação**. 19^o Edição. Petrópolis, Vozes, 1987.

SABBATINI, Renato M.E. **A Evolução da Inteligência Humana**. Revista Cérebro & Mente. Publicado em 15 de fevereiro de 2001. Atualizado em 18 de setembro de 2011. Disponível em: <http://www.cerebromente.org.br/n12/mente/evolution/evolution.htm>. Acessado em 24/06/2019.

VAZ, Henrique C. de Lima. **Antropologia Filosófica**. Volume I. 8^o Edição. Edições Loyola, São Paulo, 1991.

Priscila Lemos de Freitas

24/06/2019

www.grupogesto.com.br

grupogesto@yahoo.com.br